

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
TECNÓLOGO EM GESTÃO DE COOPERATIVAS**

**COOPERATIVAS ESCOLAS E SUA RELAÇÃO NA
FORMAÇÃO DO EDUCANDO**

Trabalho de Conclusão de Curso

Edmilson Gil de Oliveira

Santa Maria, RS, Brasil

2014

COOPERATIVAS ESCOLAS E SUA RELAÇÃO NA FORMAÇÃO DO EDUCANDO

Edmilson Gil de Oliveira

Trabalho apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da UFSM, como requisito parcial para obtenção do grau de **Tecnólogo em Gestão de Cooperativas**

Orientador: Prof.^a Márcia Lenir Gerhardt

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**COOPERATIVAS ESCOLARES E SUA RELAÇÃO NA
FORMAÇÃO DO EDUCANDO**

Elaborado por
Edmilson Gil de Oliveira

como requisito parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

COMISSÃO EXAMINADORA:

Márcia Lenir Gerhardt, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Aier Tadeu Gabriel Morcelli, Me. (UFSM)

Igor Kuhn, Prof. (UFSM)

Santa Maria, 16 de Janeiro de 2014

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Colégio Politécnico da UFSM
Universidade Federal de Santa Maria

COOPERATIVAS ESCOLARES E SUA RELAÇÃO NA FORMAÇÃO DO EDUCANDO

AUTOR: EDMILSON GIL DE OLIVEIRA
ORIENTADOR: MÁRCIA LENIR GERHARDT
Santa Maria, 06 de Janeiro de 2014.

Esta pesquisa foi desenvolvida no curso de Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. Abordou-se a Cooperativa Escolar Colégio Júlio de Castilhos (CEJUCA) situada no município de Taquari/RS e sua relação na formação do educando da escola pública no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa de cunho quanti-qualitativo objetivou, através de um estudo de caso, investigar a forma como as cooperativas escolares contribuem para a formação do educando como cidadão e indivíduo atuante na sociedade. Foram realizados questionários abertos para os membros da cooperativa, explorando informações sobre a sua vivência e experiência após a formação da cooperativa, buscando verificar a presença do espírito de liderança, pensamento cooperativista e ainda os efeitos na sua vida social. Amparou-se em Andrioli (2007), Freire (2005) e Vygotsky (1991). Conclui-se que a união da escola e do pensamento cooperativista pode contribuir para a formação do educando como sujeito participativo na sociedade.

Palavras-chave: Cooperativa escolar. Sócio Educativo. Liderança.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Palavras que melhor descrevem a prática cooperativista na escola.....	22
Quadro 2- Cooperativismo.....	23
Quadro 3- Personalidade.....	25
Quadro 4- Práticas cooperativas.....	28
Quadro 5- Sócio educativo.....	29

LISTA DE ANEXOS

Anexo1 - Questionário aplicado aos alunos.....	36
---	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	10
3	METODOLOGIA	18
4	ANALISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	20
4.1	Conhecimentos Cooperativistas	21
4.2	Personalidade	25
4.3	Participação sócio educativa.....	27
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS.....	33
	ANEXOS	36

1 INTRODUÇÃO

As primeiras empresas ao se formar não pensavam que chegariam aos dias de hoje como grandes potências do mercado, esse avanço, cresceu em sinergia com o pensamento capitalista, em que as leis do mercado prevalecem, sem deixar espaços para outras ideias, em especial as que valorizem o social.

Neste mundo o capital domina e é o mesmo que exclui, eliminando as questões sociais e deixando de lado o cidadão, até mesmo as empresas familiares tornam-se reféns de seu poderio e aquém do acesso a bens socialmente indispensáveis.

Devido a este distanciamento da sociedade das questões sociais básicas para o desenvolvimento é que se desenvolve a ideia cooperativista. Empresas que através da dimensão econômica desenvolvem o social. No pensamento cooperativista,

A cooperativa é uma empresa econômica que tem a função social: função de defesa, da emancipação e de redenção dos mais fracos, ou daqueles que por especiais circunstâncias são vítimas de uma exploração injusta e irracional (LABADESSA, 1949, apud SCHNEIDER *et al*, 2010, p.42).

Portanto, as cooperativas passam a ser uma importante via de acesso às questões de inclusão social. Porém, ao contrário das empresas, as cooperativas têm que trabalhar com as demandas específicas dos sócios, com os conflitos de papéis dos membros, entre outros problemas relativos à sua forma de organização, fazendo com isso a inclusão do indivíduo como parte do sistema, e não somente uma engrenagem deste.

A doutrina cooperativa compreende mais vantagens que problemas e seus princípios podem levar à maior competitividade. Para Schneider (1999), a relação de compromisso entre a cooperativa e o cooperado não pode ser baseada apenas na força do estatuto, e deve ser construída pela confiança de que a cooperativa irá satisfazer as necessidades de seus associados.

Neste contexto, a disseminação da doutrina cooperativista é uma relevante tarefa que vem sendo desenvolvida pelas cooperativas, buscando a mudança do meio social por um instrumento econômico. Na prática, as cooperativas passam, então, a ser utilizadas com o intuito de auxiliar o homem e a sociedade.

Como foi visto, as cooperativas são associações que funcionam como empresas para prestar serviços econômicos a seus associados e, ao mesmo tempo, desenvolver outras ações, de caráter predominantemente socioeconômico, dirigidas aos associados, seus familiares e a comunidade. Conforme Galerani (2003, p. 3):

O cooperativismo, no sentido de doutrina econômica, é praticado por meio de um empreendimento econômico, mediante a constituição de uma sociedade por membros cooperantes. A empresa cooperativa tem seus princípios, normas e estrutura organizacional fundamentados na doutrina do cooperativismo, com origem nos princípios da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Possui características e essência filosófica fundamentadas no sentimento da cooperação e é constituída com o objetivo de agregar valor à produção econômica dos seus associados.

O pensamento cooperativista desde a sua origem vem se opor ao pensamento capitalista. Este pensamento que separa o dono do operário, sem ao menos valorizar o social, sendo esse de pouca relevância para as empresas e para o mercado.

Embora este pensamento seja a solução para inclusão social de muitos, no Brasil temos um grande problema, as pessoas possuem uma vivência dentro do pensamento individualista, em que as leis do capital predominam e determinam o nosso futuro, sem nenhum ou pouco interesse pelo coletivo.

Com o intuito de fazer uma revolução nessa maneira de pensar, teremos que começar já, no momento da formação deste pensamento, o qual inicia no momento da inserção do indivíduo na sociedade.

Ao nascermos, somos colocados em contato com a sociedade e começamos a nos adaptar a ideia e valores que estão inseridos no nosso meio, porque estamos abertos a ideias novas, estamos em fase de aprendizado constante, estamos formando nosso caráter, e não temos o discernimento de qual a informação que devemos aprender estas que surgem de diversos meios, conforme Viana (2013, p. 72):

Hoje, a época em que vivemos não nos permite mais cuidarmos exclusivamente da educação de nossos filhos e, aí, de compartilharmos essa importante tarefa com a televisão, com as escolas e com o mundo.

Ao fazer esta divisão de nossas tarefas com a sociedade, através das escolas, temos a obrigação de propor mudanças na maneira que estamos educando nossos filhos, pois conforme Brotto (2009, p.63).

A educação que praticamos em escolas públicas ou privadas destina ao mercado de trabalho pessoas que vivem e viverão ainda por algum tempo em um lugar bem longe de ser o melhor dos mundos.

Com o pensamento de inserir as crianças no melhor dos mundos onde possam aprender e desenvolver uma consciência do cenário social em que atuarão, optou-se realizar um estudo através das práticas cooperativistas, em especial as cooperativas escolas, reflexões sobre as maneiras pelas quais os nossos jovens possam melhor se relacionar com colegas e com o ambiente a sua volta. Propondo através de práticas sociais extracurriculares, contribuir para a formação da criança como indivíduo participativo da sociedade, ao mesmo tempo verificando como estão sendo preparados nossos jovens para o mercado de trabalho, com o intuito de estudar formas mais sociais para a formação do caráter e do sujeito social.

Na presente investigação analisou-se a participação da Cooperativa CEJUCA, Cooperativa Escolar Colégio Júlio de Castilhos, sediada no município de Taquari/RS, com o propósito de investigar como essa participa na formação do pensamento cooperativista, verificando como é a relação da cooperativa CEJUCA no desempenho do educando, como cidadão inserido na sociedade e formador de opinião; Identificar qual a importância do cooperativismo escolar na formação do caráter do educando e ainda como essa liberdade de pensamento e participação contribui para o indivíduo, além de identificar o quanto este poder de inclusão na vida social colabora na formação de lideranças, seres humanos e cooperativistas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

No ano de 1844, em meio à evolução Industrial, período em que as condições de trabalho eram degradantes e castigavam a classe operária, 28 tecelões se organizaram e criaram uma cooperativa de consumo nos moldes que a conhecemos hoje. Tal organização seria regida por princípios próprios, balizadas por valores do ser humano, na democracia e na educação como solução dos problemas, segundo Duarte (1986, p. 13):

O cooperativismo originou-se de pequenas organizações de operários e camponeses europeus que buscaram na auto-ajuda-mútua o benefício comum para a resolução dos problemas agravados a partir do século XIX. O ano de 1844, ano da fundação da cooperativa dos tecelões de Rochdale é tido como o momento de constituição do cooperativismo, do ponto de vista das organizações de características análogas. Assim, as primeiras experiências de trabalho cooperativo formalmente organizado surgem como uma alternativa econômica a situações históricas específicas, sendo reconhecido como um dos mais eficientes instrumentos de desenvolvimento e de possível transformação social.

Nota-se que o cooperativismo vem para contrapor-se a ideia de exploração que acontecia, fazendo com que mudasse o viés do sistema empresarial, esse que além de mercantil também seria social, fazendo a inserção na sociedade de pessoas. Enfatizando este pensamento Viana (2013, p. 122) coloca:

Pode-se dizer que o cooperativismo moderno é fruto do socialismo utópico, do sonho de mudança de pessoas que viviam em condições de pobreza e de exploração de sua mão de obra, à margem da sociedade capitalista do final do século XVIII, sociedade esta totalmente comprometida e corrompida pelas riquezas decorrentes da revolução industrial. Os proprietários das fábricas enriqueciam, enquanto seus empregados viviam miseravelmente, não possuíam direitos e benefícios sociais, sujeitavam-se a trabalho insalubre e perigosos, a longas jornadas, a baixos salários, por falta de ocupação e emprego.

Neste pensamento Pino (2000) enfatiza a vida social coletiva descrevendo o homem como inserido em um sistema e, portanto influenciando e sendo influenciado pelo ambiente:

Pessoa um indivíduo social, real e concreto, cuja singularidade se constitui enquanto membro de um grupo social cultural específico. Um indivíduo, pois, que é um ser em si, uma natureza biológica, portanto, que tem significação para os outros e que, através deles adquire significação para si mesmo (PINO, 2000 p. 74).

Neste sentido o cooperativismo brasileiro foi criado e atualmente abrange 13 áreas econômicas: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, infraestrutura, mineral, produção, saúde, trabalho, transporte, turismo e goza de reconhecimento no cenário socioeconômico do país. Conforme OCB:

No Brasil existem cooperativas em 13 setores da economia. Todas representadas pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) nacionalmente e pelas organizações estaduais (Oces) nas unidades da federação. Para melhor cumprir sua função de entidade representativa do cooperativismo brasileiro, a OCB estabeleceu os ramos do cooperativismo baseados nas diferentes áreas em que o movimento atua. (OCB, 2013)

Além dos 13 ramos foram estabelecidos alguns princípios, para garantir ao sistema cooperativista que as ideias que levaram a criação da primeira cooperativa vigorassem até o hoje, com o mesmo propósito de inclusão social, o que de acordo com a OCB-Organização Cooperativista do Brasil:

Os sete princípios do cooperativismo são as linhas orientadoras por meio das quais as cooperativas levam os seus valores à prática. Foram aprovados e utilizados na época em que foi fundada a primeira cooperativa do mundo, na Inglaterra, em 1844. São eles: Adesão voluntária e livre; Gestão democrática; Participação econômica dos membros; Autonomia e independência; Educação formação e informação; Intercooperação; Interesses pela comunidade. (OCB, 2013)

Para garantir a diferença entre as cooperativas e as empresas normais definiram-se alguns princípios como imutáveis, estes que não poderão ser mudados, pois são esses que realmente diferenciam as cooperativas das demais organizações, que conforme Pinho (1976) sobre o princípio da educação, formação e informação:

Diz-se, em direito, que as *cláusulas pétreas* do direito constitucional não podem ser mudadas porque representam os pilares básicos de sustentação das garantias individuais e da própria estabilidade de uma nação. Por isso, são convertidas em *pedras* e sua imutabilidade é garantida nas Constituições dos Estados modernos. Metaforicamente, pode-se afirmar que a educação dos associados, ou educação cooperativa, é importante *cláusula pétrea* do sistema cooperativo Internacional (PINHO, 1976, p.3).

Nesse viés a educação e a cultura cooperativista são fundamentais para o sucesso das cooperativas, sendo esse pensamento, necessário para romper barreiras; por isso um de seus princípios, o 5º: Educação, Treinamento e Informação, o qual é considerado por muitos como a regra de ouro do cooperativismo moderno. Lembrando como mostra o texto da OCERGS (Organização das cooperativas do estrado do Rio Grande do Sul):

As Cooperativas oferecem educação e treinamento para seus sócios, representantes eleitos, administradores e funcionários para que eles possam contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento. Também informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes formadores de opinião sobre a natureza e os benefícios da cooperação (OCRGS, 2013).

Dentro deste mesmo pensamento, verifica-se que o diferencial das cooperativas está no desenvolvimento da educação cooperativista para a perpetuação intrínseca do pensamento no homem, formando cada vez mais pessoas, com liderança, capazes e possuidoras de opinião, sendo o diálogo uma virtude pessoal e do grupo, Schneider diz que:

A educação cooperativa, além de capacitar as pessoas a adquirirem um melhor conhecimento sobre o que é e exige a cooperação, sobre o que é a identidade específica das organizações cooperativas, visa igualmente atrair novo associados, reforçar e qualificar a participação dos cooperados, reciclar os funcionários para que eles possam ter um bom relacionamento com os coproprietários do empreendimento e, também para conhecer melhor a organização na qual trabalham. (SCHNEIDER, 2003, p.15).

Com o intuito de ampliar a ideia cooperativista, a capacitação através da educação passa a ser primordial. Mas para isso necessita-se de atitudes novas em toda a sociedade dentro do sistema ou fora dele. Neste sentido, tem que se usar a educação como uma aliada. No entanto, serão necessárias iniciativas para romper paradigmas inseridos no ambiente, deve realizar-se uma mudança, pois não se pode contribuir para a continuidade desta sociedade capitalista onde existe pouco ou nada de espaço para o social, como enfatiza Brandão:

Os mundos sociais em que vivemos e que continuamente recriamos não necessitam ser mantidos e edificados pela/sobre a contradição, a competição, o conflito e a violência. Ao contrário, o germe da experiência cidadã é a ousadia de nos pensarmos e ousarmos viver em nome da paz criada sobre o primado da justiça e da igualdade solidária. (BRANDÃO, 2002, p.70)

Porém, nada é feito ou praticamente nada, usa-se a educação cooperativa somente para preparar tecnicamente o associado, esquecemos que para ter cooperativistas aptos a ensinar tecnicamente, precisa-se antes de pessoas com a identidade cooperativista. Na verdade, o que se quer são líderes aptos para exercerem esta função, com a ideia cooperativista já inserida em seu pensamento, porém não se oportuniza que o próprio indivíduo desenvolva esse pensamento em conjunto com os demais agentes do ambiente em que atuam. Esquecem de que para tal é necessário prepararmos estes indivíduos, que conforme Freire (2005):

Saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação (FREIRE, 2005, p.52).

Neste sentido é que a educação cooperativista deve estar em todos os locais e não só nas cooperativas ou em livros, ela deve se desenvolver com uma visão dialógica e não bancária conforme Freire (2005), disposta a fazer a inclusão e não a segregação, com isso ela deve estar na sociedade, essa que deve mostrar-se disposta a ensinar a cooperação, em todos os locais. O que inclui as salas de aula em que o jovem se encontra, seja na sua formação, ou no local em que estiver para aprender sobre a vida como coloca Veiga (2003):

Desenvolver o educando, prepará-lo para o exercício da cidadania e do trabalho significa a construção de um sujeito que domine conhecimentos, dotado de atitudes necessárias para fazer parte de um sistema político, para participar dos processos de produção da sobrevivência e para desenvolver-se pessoal e socialmente (VEIGA 2003, p. 268).

Enriquecendo essa mesma linha, o pensamento Andrioli (2007, p 41) coloca que “A atividade educativa, como processo de humanização, mostra a necessidade que temos de nos relacionarmos com as outras pessoas para nos tornamos humanos”. Somando a este pensamento Freire (2011, p. 179) coloca “Já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão”.

Com base neste conceito libertador de Freire e Andrioli, pode-se verificar que para realizarmos uma mudança de paradigmas deve-se fazer antes uma revolução na forma de pensar, porém não se tem força lutando sozinho, são necessários vários agentes que atuem em conjunto. E, para iniciar-se esta revolução deve-se antes libertar-se a si próprio das amarras, devendo-se ensinar e aprender que o mundo precisa ser mais social e menos capital. Começar a soltar as algemas do capital e da desigualdade, ensinar a se contrapor ao sistema educacional, esse que ensina a mesmice para continuarmos neste silêncio ensurdecido e opressor, que faz de nos meras engrenagens da máquina da exploração, conforme Brandão (2002) coloca sobre a realidade das escolas brasileiras:

A educação que praticamos em escolas pública ou privadas destina ao mercado de trabalho pessoas que vivem e viverão ainda por algum tempo em um lugar bem longe de ser o melhor dos mundos. Em uma nação onde os mandatários da ordem política de submissão ao projeto capitalista em sua versão neoliberal. (BRANDÃO, 2002, p.63)

Já o pensamento cooperativismo coloca a educação como um princípio fundamental para a cooperação, e que para muitos esses processos de educação e cooperação são práticas sociais libertadoras e de inclusão social, conforme Frantz (2001):

Na verdade, a educação e a cooperação são duas práticas sociais que se processam de tal forma que, sob certos aspectos uma contem a outra. A educação é um processo social fundamental na vida dos homens. Na cooperação como processo social, produz educação, sendo, assim, a organização cooperativa, além de seus outros significados, também um lugar social de educação. Entrelaçam-se e potencializam-se a educação e a cooperação como processos sociais. (FRANTZ 2001, p.243)

Frantz (2001) colocando uma nova base pedagógica, ele propõe uma mudança na educação formal, trazendo para o debate uma opinião em que o cooperativismo e o processo pedagógico se unem e, nesta união, a transformação do homem seria apenas uma consequência, o que ainda Brotto (2012) enfatiza “Através da cooperação no dia a dia da sala de aula, podemos transformar a nossa prática pedagógica e criar um ambiente de mútua ajuda, respeito pelas diferenças e responsabilidade compartilhada”. Nesta mesma linha Brandão (2002) coloca que:

Tornar a educação uma experiência de vocação multicultural crescente. Um projeto de educação cidadã deve convergir a formar pessoas motivadas a participarem de ações viáveis de enfrentamento da desigualdade social e de suas consequências. (BRANDÃO, 2002, p. 100)

Nessa visão, verifica-se a importância da criação e desenvolvimento de cooperativas escolas, essas que na práxis ensinam as relações de sociedade e cooperação, ou seja, não apenas planejam como praticam ações de desenvolvimento entre os seus educandos. Nesse mesmo pensamento Freire (2005) coloca que “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo”, colocando a inclusão como forma do pensar e do agir. Conforme Frantz (2001):

O sentido da educação pela cooperação, nas escolas, a sua dimensão pedagógica, é a formação de atores sociais, sujeitos construtores de uma sociedade democrática, isto é, livre, participativa e justa. Assim entendida, a prática educativa, sua dimensão pedagógica, tem também uma direção política e um conteúdo ideológico. (FRANTZ, 2001, p.247)

Estudos ligados às cooperativas escolares e sua real contribuição para o crescimento do cidadão ainda são incipientes, avaliações mais profundas e

concretas são necessárias, estudos e pesquisas se fazem imprescindíveis sobre esse assunto considerando a relevância dessa temática. Portanto, através deste estudo pretende-se trazer para o debate a correlação entre escola e a cooperativa na formação do educando, pois conforme Frantz (2001):

Ao estimular ou levar a práticas cooperativas para dentro da escola, busca criar uma nova “base pedagógica” no espaço formal e intencional da educação, da aprendizagem que ali se processa. Em consequência, produz uma “intervenção na política” do processo educativo, isto é, no “espaço pedagógico” das práticas educativas escolares (FRANTZ 2001, p.244).

Neste contexto Brandão (2002) enfatiza que podemos fazer esta transformação através da escola:

A liberdade, o amor, a partilha solidária da vida não são uma ilusão. Elas são o que podemos ou não aprender a construir para nossas vidas e a de nossos filhos, para o nosso mundo e o deles. É em nome disto que acreditamos que pessoas podem ser formadas, também e essencialmente na escola, dentro de círculos de educação, em cenários de nosso trabalho do dia-a-dia, para virem, a saber, lidar com o mundo, quando algo como amor, a solidariedade, a busca incessante da liberdade, da justiça e a realização de todas estas e outras experiências de vida na troca cotidiana com nossos outros, a começar com nossos estudantes. (BRANDÃO, 2002, p.316)

Desta forma, esse estudo busca trazer a ideia de que a formação de cooperativas escolares como parte da formação do jovem, sendo ofertada como uma matéria extracurricular, colocando-se como um brinquedo e ao mesmo tempo provocando o despertar social, essas ações podem se tornar de relevante importância para a formação do jovem, que conforme Vygotsky (1991):

Apesar da relação brinquedo-desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas (VYGOTSKY, 1991, p.59).

Com este pensamento da união entre uma atividade para o desenvolvimento social e a brincadeira podem-se trazer benefícios para a formação dos seres humanos socialmente engajados e comprometidos, Vygotsky (1991) ainda coloca a importância deste brinquedo na formação do aluno, fazendo a divisão entre trabalho e brinquedo.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o

pensamento abstrato. O desenvolvimento correspondente de regras conduz a ações, com base nas quais tornasse possível a divisão entre trabalho e brinquedo, divisão esta encontrada na idade escolar como um fato fundamental (VYGOSTSKY, 1991, p.69).

Ao considerar essas proposições, estar-se-a contribuindo para a formação da personalidade do indivíduo, que através da prática incassável tornar-se-ão condicionadas, pois conforme expõe Nogueira (2007) “o processo de aprendizagem é essencialmente externo ao sujeito e decorrente da acumulação de condicionamentos” e, ainda:

O ser humano é ativo e o seu pensamento é construído gradativamente no ambiente histórico e social, pois as transformações na estrutura de interação social refletem nas estruturas do pensamento humano, orientando seu modo de agir, de perceber o real e a constituição da sua consciência. (NOGUEIRA, 2007, p. 86)

Neste conceito pode-se colaborar para a formação da criança, através das cooperativas escolares, ao incluir desde o início da escolaridade o desenvolvimento do aspecto social para se contrapor ao pensamento capitalista presente na sociedade, como mencionado anteriormente. Essa colaboração se dá através da exposição de um ambiente mais justo e solidário proporcionando uma transformação socioeducativa, pois, conforme Micotti (2012):

A bagagem hereditária e o meio ambiente, apesar de serem importantes, não são os únicos que atuam no desenvolvimento cognitivo. Os conhecimentos, o modo de pensar e raciocinar logicamente não são recebidos prontos; nós os construímos. Nessa construção, o ser humano é elemento ativo (MICOTTI, 2012, p.50).

Portanto, as cooperativas escolares podem ampliar a participação dos alunos e, com isso trazer para o debate ideias e motivações, fazendo valer a capacidade criativa, favorecendo o trabalho em grupo, despertando indivíduos engajados na sociedade, críticos, participativos, cooperativos e atuantes na sociedade. Conforme coloca Melo (2011) sobre grêmios estudantis e outras formas de participação na sociedade:

A participação dos estudantes nos processos da escola, especialmente por meio da organização do grêmio estudantil, é uma maneira de fazer a formação escolar ser enriquecida com base na conscientização política e na atividade pública, que leva os estudantes a se enriquecerem na identificação com questões gerais referentes à sociedade. Outras formas de participação da sociedade na escola, como o voluntariado e o empresariado. (MELO, 2011, p. 9)

Através deste enriquecimento de identidade se contribui para a formação de sua personalidade com caráter ilibado, pois o cooperativismo precisa de jovens comprometidos com os objetivos cooperativistas, e não indivíduos de caráter duvidoso, mas para tanto é preciso criar-se cenários em que se possa aprender conforme Robbins (2005):

Entre os fatores que exercem pressão sobre a formação de nossa personalidade, cultura em que somos criados, as condições de nossa infância e as normas vigentes em nossa família, nossos amigos e grupos sociais, além ao qual estamos expostos tem um papel importante na formação de nossa personalidade. (ROBBINS, 2005, p. 79)

E dentro deste ambiente ainda é possível desenvolver comportamentos e estimular o espírito de líderes cooperativistas, pois se o meio pode influenciar o comportamento, este pode influenciar o meio, já que o líder é o indivíduo que pode influenciar as pessoas, ele aprende a ser um líder no seu desenvolvimento e com seu meio, sendo essa uma qualidade a ser desenvolvida, pois nenhum líder nasce pronto, ou seja, ele molda-se de acordo com as experiências e a habilidades que desenvolve, conforme Passeto (2011) sobre líderes e a teoria comportamental.

A teoria comportamental está baseada nos condicionamentos comportamentais, ou seja, aprende-se a ser líder, pois certos traços podem ser treinados ao longo do tempo, tornando-se com isso efetivos. (PASETO, 2001, p. 61)

Com o incentivo a formação de cooperativas escolas cria-se cenários próprios para o mundo melhor que se quer, onde as pessoas se libertem, criem, compartilhem, transformem o mundo através do seu local, pois é destas pessoas que precisa-se para o novo mundo que busca-se, despertando o cidadão cooperativista inserindo internamente no jovem.

E, através desta transformação e não somente através dessa, mas sim com uma educação inovadora romper as barreiras que segregam pessoas da sociedade, pois o indivíduo é como uma caixa, e que através das vivências cotidianas, do seu aprendizado, do meio em que vive e das pessoas a sua volta vai se complementando.

3 METODOLOGIA

O presente estudo abrange um conceito quanti-qualitativo o que conforme Coutinho; Chaves (2002):

Se é verdade que na investigação educativa em geral abundam sobre tudo os estudos de caso de natureza interpretativa/qualitativa, não menos verdade é admitir que, estudos de caso existem em que se combinam com toda a legitimidade métodos quantitativos e qualitativos (COUTINHO; CHAVES, 2002, p 225).

Para Minayo (1996) o método qualitativo e o método quantitativo são complementares e servem ao pesquisador para melhor explorar e analisar os dados coletados.

A pesquisa foi, de acordo com sua natureza, básica, já que a mesma caracterizou-se em gerar conhecimentos e contribuir para as pesquisas envolvendo a formação de cooperativas escolas na inserção do jovem na sociedade.

Na relação à abordagem a investigação foi exploratória, o que conforme Coutinho; Chaves (2002), de acordo com os critérios definidos, correspondem a estudos de tipo instrumental em que o investigador usa o caso para compreender outra coisa.

Além de ter sido realizado um levantamento bibliográfico, também foram realizadas pesquisas de campo para verificação *in loco* do problema com a abordagem específica na cooperativa investigada.

Foi realizada uma pesquisa com os alunos participantes da cooperativa CEJUCA no decorrer do segundo semestre do ano de 2013. Realizados questionários e entregues para seis jovens, entre doze e quinze anos, dentre eles dois membros da atual diretoria da cooperativa, um da diretoria anterior e ainda três cooperados sem participação na diretoria, com questionamentos de forma aberta, tentando deixar livre os entrevistados para respostas, com o objetivo de aproximar o pesquisador do objeto pesquisado, e ainda buscar através de análise em campo subsídios para descrever melhor o tema.

Foram realizadas conversas em sala de aula com estes e os demais cooperados sobre assuntos relativos à base desta pesquisa, a fim de se ter mais informações as quais eles não tivessem conseguido se expressar através das respostas ao questionário e ainda também participou-se de uma assembleia da

cooperativa para verificar a real participação dos jovens nos processos, além de conversas com os professores.

Neste estudo tenta-se avaliar a relação das cooperativas escolares na formação cidadã do educando e do indivíduo, verificando a relação que a inclusão de cooperativas escolares contribui na formação do sujeito, no seu caráter e no seu processo sócio educativo. Por sua vez, também buscou-se verificar como a cooperativa contribui na formação de novos líderes, o quanto ajuda neste despertar o fato de existir uma cooperativa escolar na escola que frequentam.

O Presente trabalho investigou os fenômenos sociais, buscando identificar e comprovar evidências, através de trinta e nove perguntas divididas em três temáticas, verificar e avaliar a capacidade de cooperação, a formação socio educativa, a contibuição da cooperativa na formação da personalidade do jovem. Ainda na assembleia verificou-se o espírito de liderança e de iniciativas dos jovens em discutir problemas verificados pelos mesmos.

Para analisar os dados coletados através dos questionários e observações *in loco*, foi usado o método de agrupamento das respostas com as divisões de categorias, essas levantadas no campo empírico e ainda usando o método estatístico por amostragem.

Portanto, esta pesquisa tem o simples objetivo de comprovar que as cooperativas podem ser uma alternativa na formação do educando como sujeito participativo da sociedade, e que através desta atividade extracurricular criar um cenário de aprendizagem, viabilizando a formação do sujeito como líder participativo e socialmente engajado.

ANALISE E DISCUSSÃO DE DADOS

A cooperativa CEJUCA, fundada em julho de 2013, conta com 35 associados, alunos do Colégio Julio de Castilhos entre a sexta e a oitava série, localizada no distrito de Julio de Castilhos no município de Taquari/RS, região rural, tendo etnia portuguesa da região dos açores. Nesta região predominantemente de pequenos agricultores, onde o plantio de eucalipto é predominante também possui um forte exodo rural devido à falta de empregos no campo.

A Cooperativa participa junto com o colégio Julio de Castilhos da estruturação e apresentação da maior festa da comunidade, o Natal Luz, que no ano de 2012 teve a inclusão de reportagens nos órgãos de comunicação de todo o estado e ainda participa de uma feira popular de produtos no município, onde realiza a venda para o público em geral das bolachas por eles produzidas.

A CEJUCA ainda tem por finalidade aproximar mais o aluno da escola, fazendo com que ele se sinta parte deste mundo, cooperando e mantendo a instituição e com isso reverter os índices de destruição do patrimônio da escola, socializando o comportamento do aluno.

A pesquisa empírica foi realizada com alunos e professores. Trouxe um conjunto de informações que serviram para o entendimento do objeto proposto neste trabalho, divididos em três categorias:

Conhecimentos de Cooperativismo;

Formação da Personalidade;

Participação Socio-educativa.

Os tópicos foram avaliados separadamente a fim de obter-se uma resposta individual e assim verificar a verdadeira relevância da cooperativa escola em cada uma dessas categorias.

4.1 Conhecimentos Cooperativistas

Considerando que os entrevistados residem em uma comunidade rural, onde possuem somente uma cooperativa, a CERTAJA, de eletrificação rural; os alunos questionados em conversa informal demonstraram um grande conhecimento de cooperativismo. Conforme um dos alunos associados, ao ser questionado sobre o porquê de ter ingressado na cooperativa, testemunhou:

“Eu queria aprender mais sobre o que é uma cooperativa” (aluno 1)

Neste momento fica evidenciado que o principal obstáculo foi superado, os jovens estão se propondo e deixando em aberto o seu interesse em aprender conforme mencionado pelo aluno 1, dentro desta afirmação não pode-se negar este conhecimento, o que, conforme Freire (2011), a educação libertadora tem o ponto de partida no homem e este buscaria saber com o seu sujeito, enquanto estes soubessem com ele, assim estaria a serviço da transformação.

E ainda quando este mesmo associado foi questionado sobre o que diferencia as cooperativas das empresas, ele afirma:

“As cooperativas têm associados”. (aluno 1)

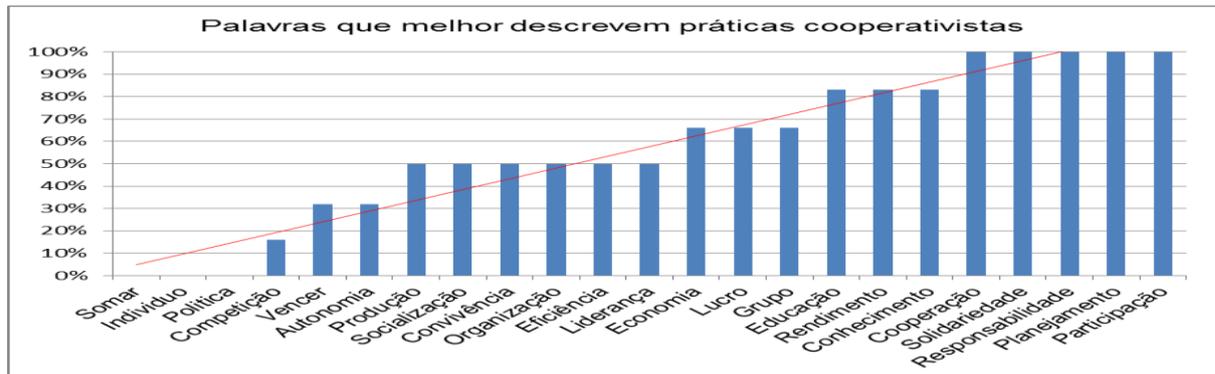
Quando o aluno 1 fala em associados ele está refutando a ideia de um dono conforme as empresas não cooperativas, o que nos leva ao conceito de cooperativas. conforme a Lei 5764/71 ART 4º, isto é, “as cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias de natureza civil [...] constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades” (BRASIL, 1971).

Verificando a primeira resposta do aluno 1, ele queria saber o que era uma cooperativa, porém na resposta seguinte sobre as diferenças ele já tinha alguma noção do assunto, fazendo o cruzamento entre o antes e o depois da CEJUCA.

Ainda pode-se verificar, no quadro 1, a seguir, ao serem questionados sobre palavras que lembram a prática do cooperativismo, eles marcaram em 100% as palavras Cooperação, Solidariedade, Responsabilidade e Participação, o que

conforme Pinho (2000) são valores de autenticidade do cooperativismo, ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade.

Quadro 1 - Palavras que melhor descrevem práticas cooperativas



Demonstrando assim, que, apesar de incipiente, a cooperativa está cumprindo com a sua função, mesmo que com o pouco tempo da sua formação, os educandos já conseguem perceber e descrever atos cooperativos.

Pode-se perceber, também na fala do aluno 2 o motivo que o levou a ingressar na cooperativa, isto é:

“Para cooperar com os colegas” (aluno 2).

Observa-se que o conhecimento sobre o que é cooperativismo já é percebido na fala dos cooperados investigados, como visto na colocação do aluno 2. O que leva a citar Frantz (2001, p. 242), sobre Cooperação, que essa é

um processo social, embasado em relações associativas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar objetivos comuns, busca produzir resultados, através de empreendimentos coletivos com interesses comuns.

O aluno 2 demonstra que cooperar com os seus colegas é ser cooperativista, o que demonstra maturidade desse educando quanto ao conceito de cooperativismo e as relações desse conceito com a sociedade, com a escola e demais espaços que frequenta.

Estas constatações são reforçadas no momento em que foram realizados questionamentos sobre outros assuntos como descreve o quadro a seguir:

Quadro 2 - Cooperativismo



Andrioli (2007) ao abordar sobre os desafios do cooperativismo nas escolas, menciona que deve-se privilegiar a construção da autonomia dos alunos diante das atividades cooperativas sem exercer influência na tomada das decisões.

Conforme este conceito verifica-se no quadro 2, item 4 (Você participa das reuniões e das práticas cooperativas?) e, no quadro 1 (liderança) eles não se sentem preparados para a autogestão, porém, já a estão praticando com autonomia.

Todas as decisões da cooperativa são realizadas sem a intervenção de professores ou pais, o que fica respaldado no questionamento sobre se são capazes de decidir sobre o futuro da Cooperativa (quadro 2, item 1), onde somente um dos entrevistados se acha capaz, porém sua resposta foi:

“sim, eu acho” (aluno 3)

Mostrando ainda uma dicotomia sobre sua própria resposta, pois mesmo tendo maturidade e capacidade de administrar a cooperativa levando em conta ainda sua pouca idade para tal, não se considera apto o suficiente.

50% dos alunos entrevistados marcaram a palavra liderança como sendo lembrada como a descrição de cooperação. O que nos remete, ao que será comentado posteriormente, sobre o processo de formação da personalidade e a influência da cooperativa no comportamento dos alunos, e havendo esta influência fica evidenciado que liderança também faz parte da CEJUCA, pois ser líder é influenciar pessoas e atrair seguidores fato este presente no seu dia a dia.

Ainda pode-se verificar o espírito cooperativista presente nas respostas da questão sobre quando você não consegue fazer uma atividade, você pergunta para outro colega? (quadro 2 item 3) Todas as respostas foram afirmativas, evidenciando o espírito do pertencer como algo comum a todos, onde o pensamento de união é essencial, o que nos traz de volta a resposta do aluno 2 quando respondeu por que entrou na cooperativa.

“Para cooperar com os colegas” (aluno 2)

Confirmada no quadro 1 ao marcarem 100% a palavra solidariedade. O que nos remete as responsabilidades que o individuo tem em relação ao coletivo. O que ainda afirma os alunos 3,4 e 5, sobre as diferenças das cooperativas, isto é:

“É que na cooperativa é um bem comum para todos” (aluno 3)

“A cooperativa tem associados que buscam seus objetivos” (aluno 4)

“Associações de pessoas” (aluno 5)

Verifica-se que existe um entendimento sobre cooperativismo nos entrevistados, pois conforme mencionado antes na Lei 5764/71 cooperativas são associações de pessoas constituídas para prestar serviços aos associados, o que nos traz as palavras dos alunos “associações de pessoas”, “buscar seus objetivos” o que ainda podemos reforçar com as palavras de Araujo (1982).

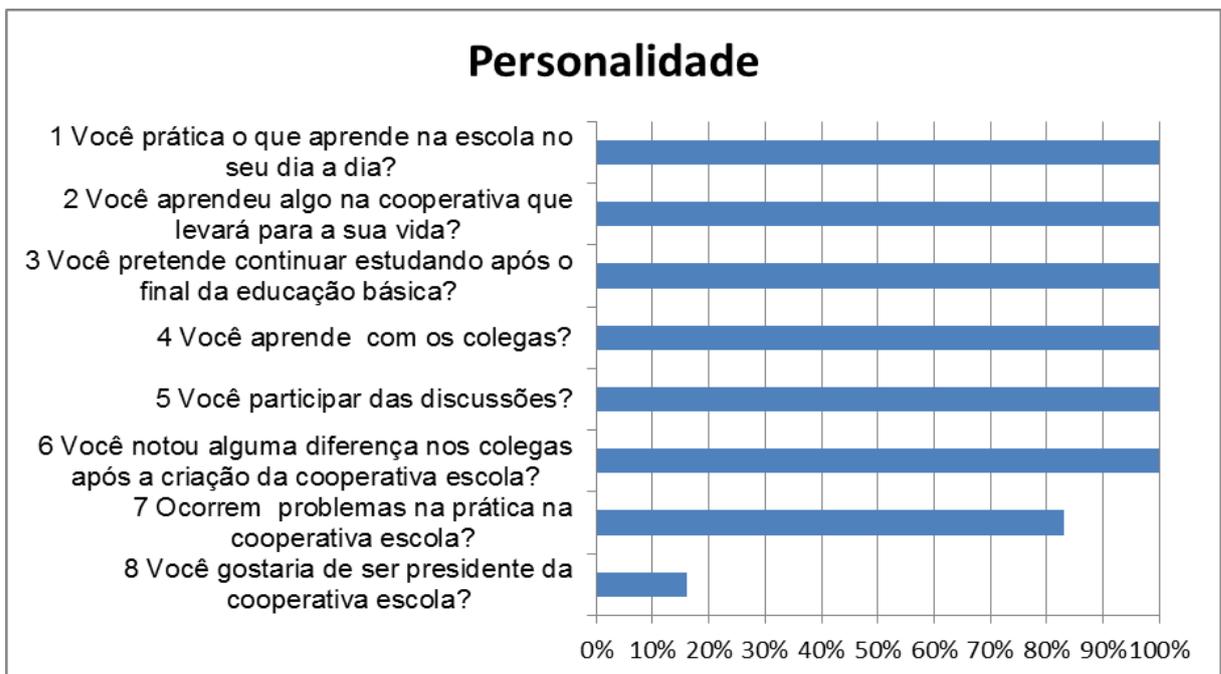
A ação de cooperar- operar em conjunto- constitui o princípio da vida em sociedade. Portanto uma questão de sobrevivência, os homens reúnem esforços, surgindo daí uma força nova de natureza coletiva. A cooperação é, uma força social. Não há porque não admitir. A cooperação é uma atividade integradora, cuja ação conjugada entre pessoas permite que se organizem para alcançar o mesmo objetivo (ARAUJO, p. 85 1982).

Também cabe resaltar que nas perguntas feitas em aula, a maioria dos alunos soube responder aos questionamentos feitos pelo entrevistador, tais como quem pode decidir as ações da cooperativa, qual o grau de importância do conselho fiscal, como se dá o processo de sucessão da diretoria, visto que já houve uma sucessão de diretoria e conselho fiscal na cooperativa, a fim de exercerem a prática democrática.

4.2 Personalidade

Verificando junto aos questionários, as respostas dadas conforme quadro 3, percebe-se uma forte contribuição da prática cooperativa na formação da personalidade, pois se ela é influenciada pelo meio, a CEJUCA está exercendo influência, o que pode ser verificado abaixo:

Quadro 3 - Personalidade



Fazendo uma análise do gráfico, fica claro que a cooperativa exerce alguma contribuição, pois conforme Robbins (2005) as condições de nossa infância e também o meio social influenciam nessa formação, percebe-se claramente uma forte interferência da CEJUCA, pois 100% dos alunos entrevistados estão levando as práticas cooperativas para o seu dia a dia (quadro 3 item 1) e ainda se estendendo para a vida (quadro 3 item 2).

Isso fica mais visível nas declarações de dois alunos sobre as diferenças dos colegas, após a criação da cooperativa (quadro 3 item 6), declarações em que os dois alegaram:

“Pararam de quebrar os vidros da escola” (aluno 3)

“Todos começaram a cuidar mais da escola” (aluno 4)

Verificando que os comportamentos estão menos agressivos e mais sociáveis, evidenciando a influência positiva na formação do educando através das práticas cooperativas.

Ainda analisando os questionários, cabe mencionar em relação às respostas dadas, em 100% dos casos ao serem questionados “se participam das discussões” (quadro 3 item 5) e sobre “se ocorrem problemas na cooperativa” foi sim (quadro 3 item 7), ou seja, eles estão cientes dos problemas e participam das suas discussões.

Verifica-se, conforme mencionado por Micotti (2012), que o meio ambiente contribui no desenvolvimento cognitivo e a cooperativa está no seu conjunto de questionamento e participações, ajudando a construção do raciocínio e convivência sócia educativa. Podendo ainda avaliar neste mesmo pensamento quando perguntados sobre se estão aprendendo com os colegas (quadro 3 item 4), todos afirmaram que sim, ressaltando o pensamento de Micotti (2012).

Observou-se uma autoestima nos alunos, ao serem questionados sobre o “aprendizado para a vida” (quadro 3 item 2) e sobre “continuar estudando após sua formação” (quadro 3 item 3), 100% dos sócios responderam que sim, mostrando que os exercícios cooperativos e as experiências agrupadas na escola criam oportunidades para eles adquirirem experiências através do contato com objetos e o meio e, com isso contribuindo para elevação da autoestima e formação do caráter do aluno que irá refletir na sociedade.

4.3 Participação socio educativa

Na pesquisa de campo foram detectados fatores que levaram a constatar a cooperativa como uma aliada no processo sócio educativo dos jovens, analisando as respostas aos questionamentos ficou identificado que eles usam a cooperativa para aumentar sua vivência em grupos, conforme respondido no quadro 4, onde foram questionados sobre as práticas cooperativas mais importante para eles, fazer amigos e vivência em grupos foram identificada em 66% dos entrevistados como as mais relevantes.

Certamente é satisfatório se considerarmos a cooperativa como um agente a mais neste processo de aprendizagem, o que conforme Andrioli (2007, p. 39),

o potencial educativo da cooperativa, propicia a democracia participativa em suas instâncias, mostrando, como exemplo, que é possível construir novas formas de participação na sociedade como um todo [...] A atividade educativa, como processo de humanização, mostra a necessidade de termos de nos relacionarmos com as outras pessoas para nos tornamos humanos (p. 41).

O interesse social é inerente ao ser humano, porém nem sempre é um forte fator para a socialização do sujeito e a orientação educativa, todavia se utilizada será uma tarefa a somar nos processos, contribuição essa que atividades extraclases podem trazer para as escolas.

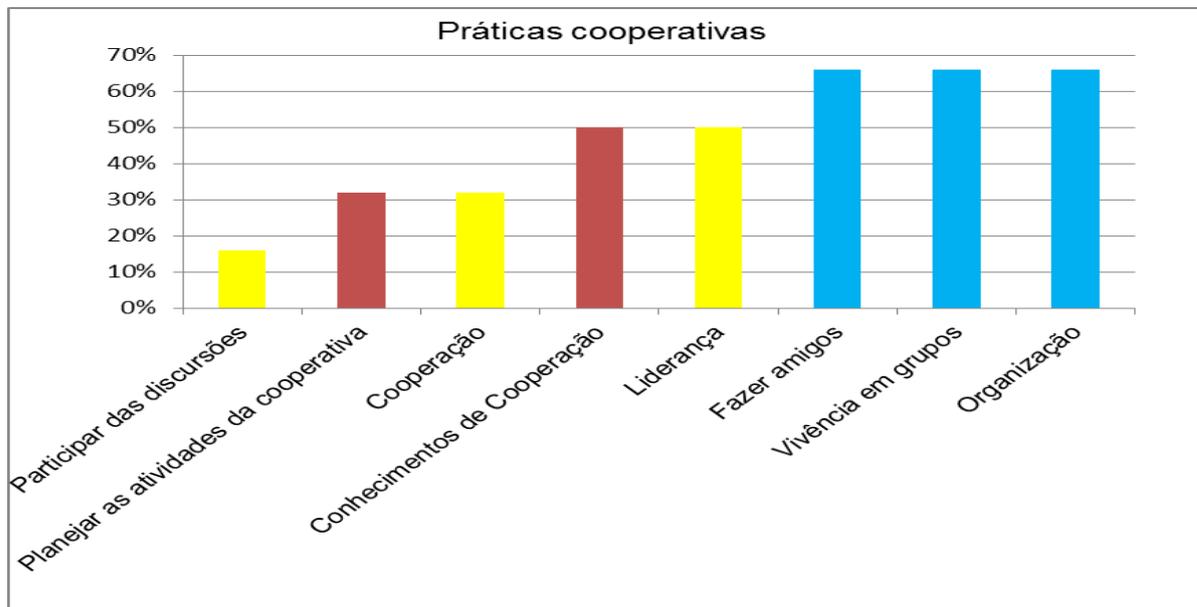
Nessa perspectiva pode-se avaliar as respostas dos alunos em relação as melhoras que foram sentidas nos colegas após a criação da coopertiva (quadro 5 item 6). 100% avaliaram que sim, foram notadas várias melhoras no comportamento dos colegas, cabe salientar o que comentaram dois deles conforme já mencionado antes.

“Pararam de quebrar os vidros da escola” (aluno 3)

“Todos começaram a cuidar mais da escola” (aluno 4)

Percebe-se que além de fazer amigos, eles começaram a preocupar-se com a sua escola, o que fica evidenciado que se proporcionarmos atividades sadias para satisfazer as necessidades dos jovens, criando hobbies através de atividades extraclasse, melhorias no comportamento serão notadas.

Quadro 4 - Práticas cooperativas



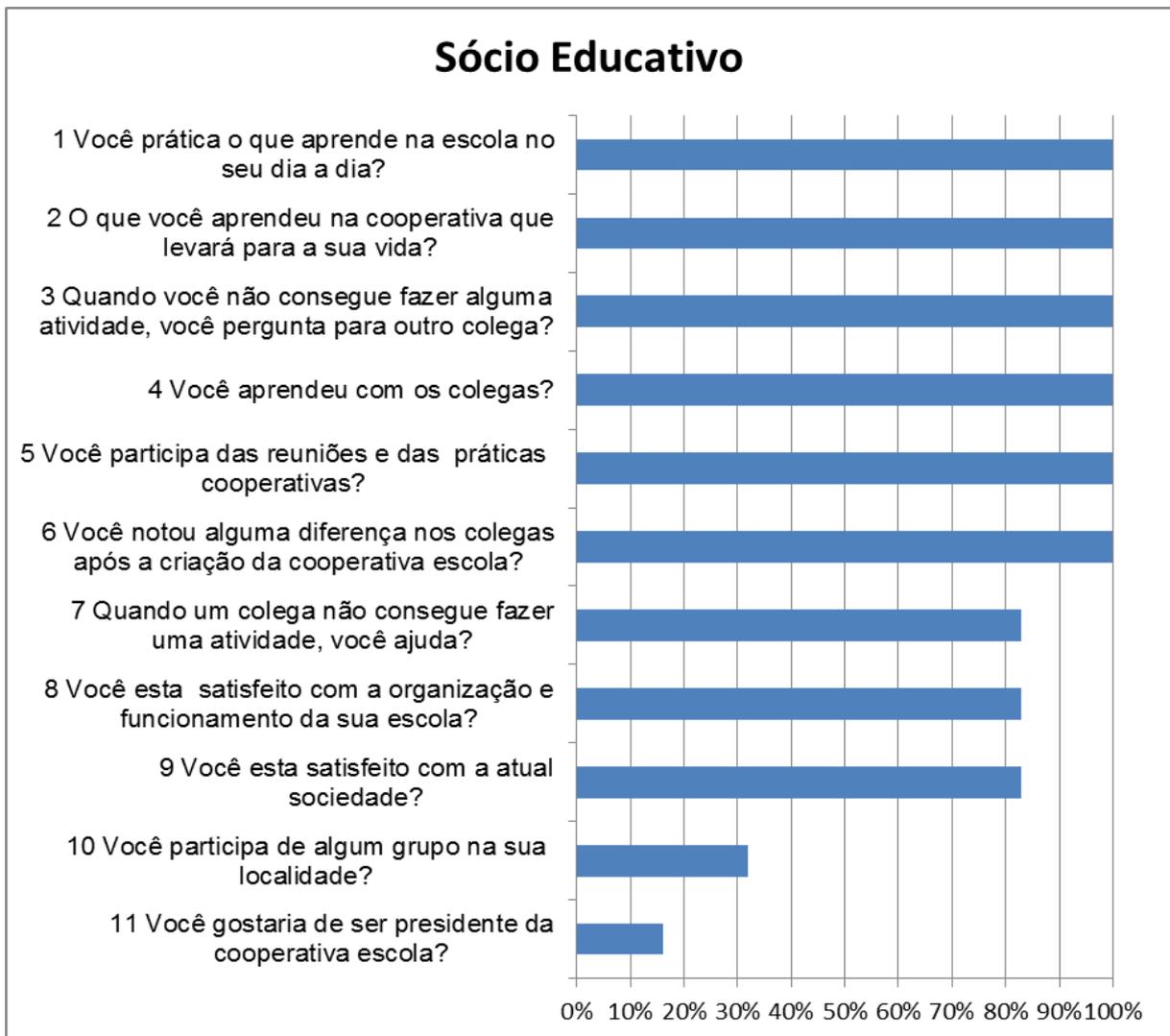
Cabe salientar que quando foram pergundados “se praticam em casa o que aprendem na escola”(quadro 5 item 1) e “se levarão para a sua vida o que aprendem na cooperativa”(quadro 5 item 2), novamente todos os entrevistados afirmaram que sim, pontuando uma resposta em relação ao que se aprende na cooperativa e se pratica em sala de aula respondeu

“A ser mais educado”(Aluno 3)

Brandão (2002) coloca que a educação é um processo de humanização e se dá por toda a vida, nos diversos espaços sociais que frequentamos, como a casa, a rua, a igreja, etc, o que nos faz colocar a cooperativa escola também nesse espaço de interação social e aprendizado.

Em outra questão, sobre ajudar os colegas (quadro 5, item7) 83% responderam que ajudam e 100% perguntam para os colegas quando não conseguem fazer as atividades(quadro 5, item 4), fazendo ainda mais a interação entre o seu grupo social. “Tratar de cooperativa é tratar de cooperação, é tratar da natureza das relações que entre si os homens estabelecem com vista a um objetivo comum” (ARAUJO, 1982, p.84).

Quadro 5 - Sócio educativo



Ainda nota-se nos jovens, ao serem indagados sobre “se estão satisfeitos com a escola e a sociedade”(quadro 5 itens 8 e 9) 83% de afirmação, notando-se que eles estão interagindo com o meio em que vive e colocando suas opiniões.

Porém, quando perguntados sobre “participação de algum grupo na comunidade”(quadro 5 item 10), somente 26% responderam que participam. Muuss(1976, p.105) ao falar sobre o jovem discute dizendo que o mesmo “é sociável e necessita de organizações sociais. Se a comunidade não lhe fornece oportunidades sadias para satisfazer a esta necessidade social, a juventude formará seus próprios grupos”.

Evidencia-se, assim a importância da convivência na cooperativa como uma forma de interação extraclasse dos alunos e como seres humanos atuantes na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou verificar a presença significativa da cooperativa escola no processo de aprendizagem e desenvolvimento social e individual dos associados que a compõem.

Os fatores conhecimento cooperativista, personalidade e participação sócio educativa, apesar de apresentarem uma relevante desenvoltura entre os educandos permanecem sendo dignos de novas investigações, além de apresentarem possibilidades de maior crescimento.

Ao observar o sistema educacional atual e tradicional, considera-se importante que aconteçam intervenções que despertem crianças, adolescentes e jovens para um pensar coletivo e não apenas uma preocupação consigo e de suas necessidades.

Conclui-se que o papel de uma cooperativa escola é fundamental para proporcionar essas novas reflexões e diálogos, já que os princípios cooperativistas tem em sua essência a busca do desenvolvimento social utilizando-se do econômico. Essa se torna uma alternativa criativa para reduzir as desigualdades sociais e proporcionar espaços libertadores de expressão de ideias e valores e, conseqüentemente resultar em seres humanos mais dignos e aptos para transformar o mundo em que atuam em um lugar mais igualitário.

Portanto, ao propor a educação cooperativa nas escolas, através das cooperativas escolares com o pensamento cooperativista, socialização e inclusão social dos jovens, possivelmente não se constitua uma solução final, por que ao se tratar de educação fica difícil afirmar em curto prazo uma verdade, porém insere-se uma alternativa a mais que pode ser estudada, com maior participação, proporcionando uma avaliação melhor.

As mudanças apresentadas nos jovens e mostradas nesse estudo nos fazem refletir sobre o assunto e sua importância para a comunidade, para a escola e ainda para o futuro do cooperativismo. Importância essa já mencionada em outros estudos, conforme Pivetta (2013, p.22) sobre o cooperativismo e os desafios para manter a fidelização do cooperado “Se fosse ensinado nas escolas, desde pequenos, as pessoas poderiam ter um maior conhecimento sobre o que é o

cooperativismo e sua forma de funcionamento, assim as cooperativas poderiam ter, talvez, um número maior de associados comprometidos com ela”. Estudo que mais evidencia a importância do trabalho realizado pela CEJUCA para o futuro do cooperativismo.

Que através das práticas cooperativas, como ambientação e inclusão socio educativa através da práxis, reforçando as relações humanas e estabelecendo um convívio mais harmonioso entre os sujeitos, colocado através deste estudo traz uma contribuição para análise e reflexão, pois poderá gerar resultados futuros conforme Pivetta (2013).

Neste pequeno espaço onde foram discutidas as necessidades de construir novas formas de experiências, como esta da Escola Julio de Castilhos, que apesar de incipiente está trazendo melhorias conforme verificado nessa pesquisa, apesar das respostas mostrarem uma forte participação da cooperativa nesses processos, não se pode afirmar com precisão que este estudo está trazendo uma verdade, porém fica uma reflexão para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARANTES, E. C.; HALICKI, Z.; STADLER, A. **Empreendedorismo e a responsabilidade social**, Curitiba, Ibplex 2011.

ARAÚJO, Sílvia M. P. de. **A Cooperativa; um estudo sobre a ideologia da participação**. Curitiba, Projeto, 1982.

ANDRIOLI, A. I. **Trabalho coletivo e educação**. Ijuí, RS ano 2007 2 ed.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**, Petrópolis Vozes, 2002.

BRASIL LEI 5.764/1971 de 16 de dezembro 1971. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5764.htm> Acessado em 17 de Dez de 2013.

BROTTO, F. **Pedagogia da cooperação**. Disponível em: <<http://www.projetocooperacao.com.br/2009/04/14/a-pedagogia-da-cooperacao-construindo-um-mundo-onde-todos-podem-venser>>. Acessado em: 18 set 2013

CLARA, Coutinho & JOSÉ, Chaves (2002). **O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal**. Revista Portuguesa de Educação, 15(1), pp. 221-244. CIEd - Universidade do Minho

DUARTE, L. M. G. **Capitalismo & Cooperativismo no R.G.S**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

FRANTZ, W. **Educação e cooperação: práticas que se relacionam**. Sociologias, Porto Alegre, RS. Ano 3, n. 6, julho/dez. 2001, p. 242-264.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 50. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.

GALERANI, J. **Formação, estruturação e implementação de aliança estratégica entre empresas cooperativas** São Paulo. RAE-eletrônica, Vol. 2, Número 1, jan-jun. 2003

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed.-São Paulo: Atlas, 1991.

MELO, A. de. **Relações entre escola e comunidade**. Curitiba, Ibepex, 2011.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criticidades**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUUSS, R. E. **Teorias da adolescência**. 5. ed. Belo Horizonte, MG. Interlivros, 1976.

MICOTTI, M. C. de O. **Alfabetização: proposta e práticas pedagógicas**. São Paulo, Contexto, 2012.

NOGUEIRA, C. M. Ignatius. As teorias de aprendizagem e suas implicações no ensino de matemática, **Acta Sci. Human Soc. Sci**, v. 29, n. 1, 2007, p. 83 a 92.

OCB - Organização das Cooperativas Brasileira. Disponível em:
<<http://www.ocb.org.br/site/ramos/index.asp> >. Acesso em 18 set. 2013

OCERGS- Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul. Disponível em:
<<http://www.ocergs.coop.br/cooperativismo/conceitos-principios>>. Acesso em 18 set. 2013

PASETO, N. V.; MESADRI, F. E. **Comportamento organizacional: integrando conceitos da administração e da psicologia**, IBEX, 2011.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vygotsky. In: **Educação e sociedade** n. 71, julho, 2000, p. 45 a77.

PINHO, D. B. *et al.* Educação cooperativa. In: Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas Gerais. **Anais...** Poços de Caldas/MG: OCEMG. 27 a 30 de Outubro de 1976

PIVETTA, L. **A Fidelização dos cooperados no processo de desenvolvimento da sociedade cooperativa COOMAT de São Pedro do Sul/RS.** 2013. 27 f. Dissertação (Trabalho Final de Graduação de Tecnologia em Gestão de Cooperativas)-Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional.** 11. ed. Pearson Prentice Hall, São Paulo, 2005.

SCHNEIDER, J. O. ; HENDGES, M.; SILVA, Antonio C. M. **Educação e capacitação cooperativista: Os desafios no seu desempenho.** v. 1 UNISINOS. São Leopoldo, RS.2010.

SCHNEIDER, J. O. Pressupostos da educação cooperativa: a visão de sistematizadores da doutrina do cooperativismo. In: SCHNEIDER, J. O. **Educação cooperativa e suas práticas.** São Leopoldo: UNISINOS, 2003.p.13-58

_____. **Democracia, participação e autonomia cooperativa.** São Leopoldo: Unisinos, 1999.

SILVA, E. L. da; MENEZES. E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação, UFSC.** 4. ed. Ver. Atual. Florianópolis, SC: UFSC 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** São Paulo, SP: Atlas, 1987.

VEIGA, I. P. A. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Cad. Cedes,** Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dez. 2003.

VIANA, E. M. **Cooperativa de trabalho educacional: Historia, princípios, governança e legalidade,** Porto Alegre: SESCOOP, 2013.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente,** 4. ed. São Paulo, SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1991.

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM TECNÓLOGO EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

Questionário

Cooperativas Escolas e Sua Relação na Formação do Educando

- 1) Idade
- 2) Sexo
- 3) Moradia Rural Urbana
- 4) O que você faz?
Trabalha
Estuda
Diverte-se
- 5) Qual a principal atividade da sua Mãe e do seu Pai?
- 6) Eles são cooperados de alguma cooperativa? Qual?
- 7) Você participa de algum grupo na sua localidade? Qual?
- 8) O que você espera fazer profissionalmente?
- 9) Que tipo de cooperativas você conhece?
- 10) Quais cooperativas além da cooperativa escola você conhece?
- 11) Você sabe o que diferencia ou identifica as cooperativas? Cite estas diferenças?
- 12) O que representa o cooperativismo para você?
- 13) Você notou alguma diferença nos colegas após a criação da cooperativa escola?
- 14) Como você se define antes da cooperativa e após a criação da cooperativa escola?
- 15) Quais práticas cooperativas você aprendeu e que são mais importantes?

	Por quê?
Fazer amigos	
Conhecimentos de cooperação	
Vivência em grupos	
Confecionar produtos	
Participar das discussões	
Planejar as atividades da cooperativa	
Organização	
Liderança	
Cooperação	
Outras	

- 16) Você esta satisfeito com a atual sociedade?

- 17) Você está satisfeito com a organização e funcionamento da sua escola?
Como gostaria que fosse?
- 18) Você participa das reuniões e das práticas cooperativas? Por quê?
- 19) Você se sente capaz de decidir sobre o futuro da cooperativa escola?
- 20) O que você aprendeu com os colegas?
- 21) Quando você não consegue fazer alguma atividade, você pergunta para outro colega como fazer?
- 22) O que motivou você a entrar na cooperativa escola?
- 23) Como você descreveria a cooperativa escola?
- 24) O que é produzido na cooperativa escola?
- 25) Qual os problemas que ocorrem na prática na cooperativa escola?
- 26) Como foram encarados estes problemas?
- 27) Quais palavras que melhor descrevem a prática da cooperativa na escola? Marque quantas achar necessário para descrever.

<input type="checkbox"/>	Cooperação
<input type="checkbox"/>	Economia
<input type="checkbox"/>	Produção
<input type="checkbox"/>	Socialização
<input type="checkbox"/>	Vencer
<input type="checkbox"/>	Educação
<input type="checkbox"/>	Competição
<input type="checkbox"/>	Rendimento
<input type="checkbox"/>	Convivência
<input type="checkbox"/>	Conhecimento
<input type="checkbox"/>	Somar
<input type="checkbox"/>	Indivíduo
<input type="checkbox"/>	Solidariedade
<input type="checkbox"/>	Lucro
<input type="checkbox"/>	Responsabilidade
<input type="checkbox"/>	Organização
<input type="checkbox"/>	Política
<input type="checkbox"/>	Eficiência
<input type="checkbox"/>	Planejamento
<input type="checkbox"/>	Autonomia
<input type="checkbox"/>	Participação
<input type="checkbox"/>	Grupo
<input type="checkbox"/>	Liderança
<input type="checkbox"/>	Outros; _____

- 28) Você gostaria de ser presidente da cooperativa escola?
- 29) Você tem conhecimento dos assuntos que são tratados na cooperativa?
Você acha importante ter este conhecimento?
- 30) Como se dá o processo de decisão da cooperativa?
- 31) Você pretende continuar estudando após o final da educação básica?
- 32) O que você pretende fazer profissionalmente após sua formação estudantil?
- 33) O que você aprendeu na cooperativa que levará para a sua vida?
- 34) O que você escolheria entre ter um salário em uma empresa convencional ou participar de uma cooperativa? Por quê?

- 35) Quando um colega não consegue fazer uma atividade, você pergunta para o colega?
- 36) Você pratica o que aprende na escola no seu dia a dia?
- 37) Você incentiva as pessoas que você conversa a participarem do sistema cooperativista?
- 38) Como você se sente participando da cooperativa?
- 39) O que você aprende na cooperativa, você pratica na sala de aula?